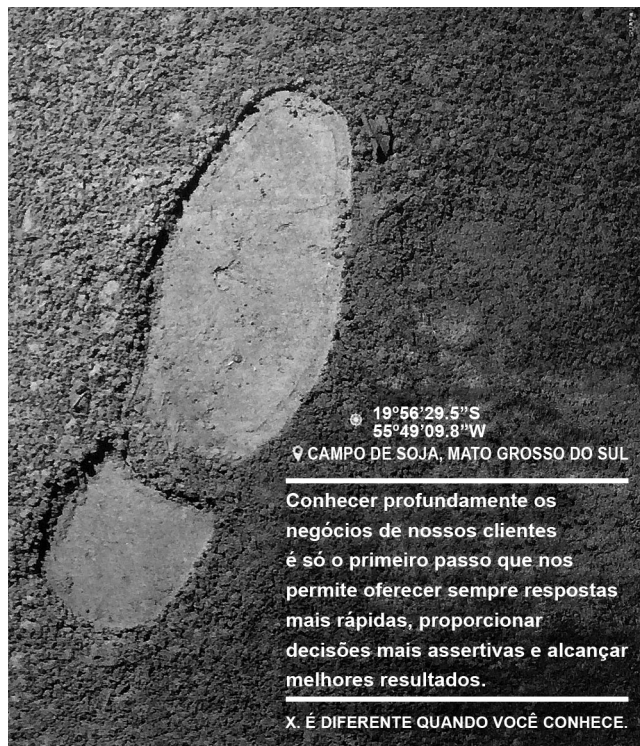


PORTUGUÊS

Examine este anúncio de uma instituição financeira, cujo nome foi substituído por X, para responder às questões 01 e 02.



Valor Setorial, junho de 2014. Adaptado.

1

Compare os diversos elementos que compõem o anúncio e atenda ao que se pede.

- Considerando o contexto do anúncio, existe alguma relação de sentido entre a imagem e o *slogan* “É DIFERENTE QUANDO VOCÊ CONHECE”? Explique.
- A inclusão, no anúncio, dos ícones e algarismos que precedem o texto escrito tem alguma finalidade comunicativa? Explique.

Resolução

- Sim, existe.** A relação de sentido encontra-se no fato de que a pegada do sapato indica que a instituição bancária está presente no campo de soja e assim conhece o negócio do seu cliente. Daí o *slogan*: “É diferente quando você conhece”.
- Sim.** Tais ícones e algarismos indicam latitude e longitude, referentes à localização exata onde o cliente está estabelecido. Com isso, a instituição financeira demonstra ter ciência das atividades comerciais de seus clientes.

2

Com base na parte escrita do anúncio, responda.

- a) Qual é a relação temporal que se estabelece entre os verbos “conhecer”, “oferecer”, “proporcionar” e “alcançar”? Explique.
- b) Complete a frase impressa na página de resposta, flexionando de forma adequada os verbos “oferecer”, “proporcionar” e “alcançar”.

Conhecer profundamente os negócios de nossos clientes é só o primeiro passo que permite que sempre respostas mais rápidas, decisões mais assertivas e melhores resultados.

Resolução

- a) O verbo “conhecer” indica tempo anterior aos outros verbos, porque é imprescindível que “o primeiro passo” seja “conhecer” os clientes. “Oferecer” e “proporcionar” indicam tempo simultâneo e posterior a “conhecer”, visto que ambos se referem ao serviço a ser proporcionado pela empresa. O verbo “alcançar” se refere aos resultados que serão obtidos pelo cliente que utilizar a instituição do anúncio.
- b) Conhecer profundamente os negócios de nossos clientes é só o primeiro passo que permite que *ofereçamos* sempre respostas mais rápidas, *proporcione*mos decisões mais assertivas e *alcancemos* melhores resultados.

Para manter a correlação verbal, é necessário que os verbos das lacunas estejam no presente do subjuntivo, indicando possibilidade, em função da forma verbal “permite” (presente do indicativo) da oração anterior.

Leia este texto.

É conhecida a raridade de diários íntimos na sociedade escravocrata do Brasil colonial e imperial, em comparação com a frequência com que surgem noutra sociedade do mesmo feitio, o velho Sul dos Estados Unidos. Gilberto Freire reparou na diferença, atribuindo-a ao catolicismo do brasileiro e ao protestantismo do americano: aquele podia recorrer ao confessor, mas a este só restava o refúgio do papel. Esta é também a explicação que oferece Georges Gusdorf, na base de uma comparação mais ampla dos textos autobiográficos produzidos nos países da Reforma e da Contrarreforma. Ao passo que no catolicismo o exame de consciência está tutelado na confissão pela autoridade sacerdotal, no protestantismo, ele não está submetido a interposta pessoa.

Evaldo C. de Mello, “Diários e ‘livros de assentos’”. In: Luiz Felipe de Alencastro [org.], **História da vida privada no Brasil - 2.**

- a) De acordo com o texto, em que grupo de países os diários íntimos surgiam com maior frequência e por que isso ocorria?
- b) A que expressões do texto se referem, respectivamente, os termos sublinhados no trecho "ele não está submetido a interposta pessoa"?

Resolução

- a) **Os diários íntimos, segundo o texto, são comuns nos países em que ocorreu a Reforma Protestante, uma vez que os adeptos do protestantismo não contam, como os católicos, com a prática da confissão, intermediada por um sacerdote. Para os protestantes, esse exame de consciência era feito por meio dos diários íntimos.**
- b) **A expressão “ele” refere-se a “exame de consciência”; “interposta pessoa”, a “autoridade sacerdotal”.**

Leia este texto.

Nosso andar é elegante e gracioso, e também extremamente eficiente do ponto de vista energético. Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido. Até agora, nenhum sapato, nenhuma técnica especial de balançar os braços, ou qualquer outro truque foram capazes de melhorar o número de quilômetros caminhados por quilo de feijão consumido. Mas, agora, depois de anos investigando o funcionamento de nossas pernas, um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até 10%.

Trata-se de um pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do joelho. Ele mimetiza o funcionamento do tendão de Aquiles e dos músculos ligados ao tendão. Uma haste no altura do tornozelo, a qual se projeta para trás, segura uma ponta de uma mola. Outra haste, logo abaixo do joelho, segura uma espécie de embreagem (...).

Fernando Reinach, www.estadao.com.br, 13/06/2015. Adaptado.

- a) Transcreva o trecho do texto em que o autor explora, com fins expressivos, o emprego de termos contraditórios, sublinhando-os.
- b) Esse excerto provém de um artigo de divulgação científica. Aponte duas características da linguagem nele empregada que o diferenciam de um artigo científico especializado.

Resolução

- a) **Trata-se do fragmento “(...) um grupo de cientistas construiu uma traquitana *simples*, mas extremamente *sofisticada* (...)”**

O adjetivo *simples* refere-se a algo “descomplicado”, e *sofisticado*, ao contrário, a algo “complexo”.

- b) **O artigo científico prima por terminologia específica de determinada área do conhecimento em linguagem denotativa e objetiva.**

Esse excerto distancia-se de um artigo científico convencional na medida em que o autor utiliza linguagem acessível a leigos, com imagens corriqueiras. Além disso, ao usar a 1ª pessoa do plural, o autor refere-se a experiências compartilhadas entre ele e os seus leitores. Isso fica evidente, por exemplo, no trecho: “Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido.” Há também o emprego de uma metáfora, “haste... espécie de embreagem”, recurso não comum em textos científicos.

Leia este texto.

O tempo personalizou minha forma de falar com Deus, mas sempre termino a conversa com um pai-nosso e uma ave-maria.

(...)

Metade da ave-maria é uma saudação floreada para, só no final, pedir que ela rogue por nós. No pai-nosso, sempre será um mistério para mim o “mas” do “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Me parece que, a princípio, se o Pai não nos deixa cair em tentação, já estará nos livrando do mal.

Denise Fraga, www1.folha.uol.com.br, 07/07/2015. Adaptado.

- a) Mantendo-se a relação de sentido existente entre os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal”, a conjunção “mas” poderia ser substituída pela conjunção e, de modo a dissipar o “mistério” a que se refere a autora? Justifique.
- b) Sem alterar seu sentido, reescreva o trecho da oração citado pela autora, colocando os verbos “deixeis” e “livrai” na terceira pessoa do singular.

Resolução

- a) **O emprego da conjunção adversativa *mas* deveria instaurar uma oposição entre “não nos deixeis cair em tentação” e “livrai-nos do mal”, porém para a autora essa contradição não ocorre. Segundo ela, o uso de *mas* é um mistério e seu emprego um contrassenso, pois se a divindade livra o indivíduo da tentação, automaticamente já o livra do mal. Usando a conjunção aditiva “e”, a oposição entre os segmentos não ocorreria, haveria apenas ênfase entre segmentos de mesmo significado, dissipando o mistério.**
- b) **“Não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal”.**
Na formação do imperativo afirmativo e negativo, a terceira pessoa do singular se forma a partir do presente do subjuntivo.

Um restaurante, cujo nome foi substituído por Y, divulgou, no ano de 2015, os seguintes anúncios.

I



10 ANOS

RESTAURANTE Y
EXECUTIVO DO FRANCÊS
 A 10 anos, nosso Chef cria pra você
 2 saborosas opções de entradas,
 3 pratos e 2 sobremesas por **46,75**

BON APPETIT

II



RESTAURANTE Y
EXECUTIVO DO FRANCÊS 46,75
 Criações diárias do nosso Chef pra você
 2 opções de entradas, pratos e sobremesas

BON APPETIT

- a) Na redação do anúncio II, evitou-se um erro gramatical que aparece no anúncio I. De que erro se trata? Explique.
- b) Tendo em vista o caráter publicitário dos textos, com que finalidade foi usada, em ambos os anúncios, a forma “pra”, em lugar de “para”?

Resolução

- a) No anúncio I, o erro gramatical está no uso indevido da preposição *a* no lugar do verbo *haver*: há 10 anos. De acordo com a norma culta, quando se trata de tempo passado, deve-se empregar o verbo *haver*.
- b) Os anúncios publicitários geralmente utilizam expressões ou termos coloquiais, como é o caso do processo de síncope verificado em “pra”, com a finalidade de buscar maior proximidade com o consumidor.

No capítulo CXIX das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o narrador declara: “Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas* das muitas que escrevi por esse tempo.” Nos itens a) e b) encontram-se reproduzidas duas dessas máximas. Considerando-se no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

* “Máxima”: fórmula breve que enuncia uma observação de valor geral; provérbio.

a) “Matamos o tempo; o tempo nos enterra.”

Pode-se relacionar essa máxima à maneira de viver do próprio Brás Cubas? Justifique sucintamente.

b) “Suporta-se com paciência a cólica do próximo.”

A atitude diante do sofrimento alheio, expressa nessa máxima, pode ser associada a algum aspecto da filosofia do “Humanitismo”, formulada pela personagem Quincas Borba? Justifique sua resposta.

Resolução

a) **A máxima de Brás Cubas intensifica o pessimismo e o ceticismo do “defunto-autor”, que avalia sua existência a partir da perspectiva de ter vivido de forma vazia, sem realizar nada, conforme ele afirma no capítulo “Das negativas”. Pode-se, portanto, relacionar a frase à maneira de vida de Brás Cubas, dedicada ao ócio endinheirado, que caracteriza a elite parasitária brasileira do século XIX. Há, portanto, uma visão niilista a respeito da existência.**

b) **O Humanitismo, “sistema filosófico destinado a arruinar todos os demais sistemas”, defende a ideia de que “vida é luta” e só os mais fortes seriam capazes de sobreviver. Quincas Borba, ao explicar sua filosofia a Brás Cubas, no capítulo Os Cães, vale-se de uma alegoria, ao se deparar com uma briga de cachorros por um “simples osso nu”. Quincas Borba considera como benefício do vencedor a desgraça do perdedor, a qual é suportada tranquilamente por quem não sofre. A atitude diante do sofrimento alheio, nessa máxima, pode, portanto, ser associada a um aspecto de Humanitas ou Humanitismo, filosofia também explicada no capítulo O Humanitismo, em que Quincas Borba afirma: “Assim, este frango, que almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas com um único fim de dar mate ao meu apetite”.**

Leia estes dois excertos das obras indicadas e responda ao que se pede.

(...) Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com o diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um sargento de milícias.

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

– Não lhe caia o queixo! ...

O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir d'ombros.

– Aquela pra cá nem pintada!

E, para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanco na canela da mulata.

– Olha o bruto! ... queixou-se esta, levando o mão ao lugar do pancada. Sempre há de mostrar que é galego!

Aluísio Azevedo, **O cortiço.**

- a) Embora os excertos pertençam a romances de diferentes estilos de época – um é romântico e outro, naturalista –, é bastante visível que, neles, o modo de representar as relações de caráter erótico apresenta várias semelhanças. Essa similaridade é sobretudo pontual, isto é, mais concentrada nesses excertos, ou, ao contrário, ela continua a ocorrer, ao longo dos romances? Explique resumidamente.
- b) Em ambos os excertos, assim como no conjunto das obras a que pertencem, é notória a predisposição a retratar as personagens de origem portuguesa de um modo bastante peculiar, influenciado por uma determinada corrente de opinião, existente no contexto histórico-social dos períodos em que as obras foram escritas. Identifique esse modo de representar tais personagens e a corrente de opinião que o influencia. Explique sucintamente.

Resolução

a) Em ambos os romances existem cenas com elementos eróticos, mas a maneira de tratar o erotismo é diferente. A similaridade é pontual, porque no decorrer da narrativa de *O Cortiço*, a sexualidade das personagens é abordada sob o ponto de vista fisiológico, cientificista do Naturalismo, que aproxima o comportamento humano ao do animal (zoomorfismo), como na cena em que Léonie estupra Pombinha. Isso difere da abordagem erótica que aparece em *Memórias de um Sargento de Milícias*, porque nesse livro não há o caráter determinista, animalizador. Nota-se um tom coloquial irônico nos relacionamentos amorosos, distante do cientificismo.

b) Em ambos os textos e romances, o modo de representar literariamente os portugueses é o do estereótipo, são personagens planas. A corrente de opinião que influencia esse modo de representação é, contudo, diversa. *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicado entre 1852-3, é um romance romântico excêntrico, sem maniqueísmo e idealização, entre outras inovações. A narrativa aborda os costumes populares da época da estada de D. João VI no Brasil, 1808-1821. Os imigrantes portugueses vão-se adaptando à sociedade brasileira, aderem à vida do Rio de Janeiro. O narrador não faz um julgamento moral definitivo sobre a sociedade retratada, cuja força motriz são o tráfico de influência e a malandragem, isto é, a mistura da ordem com a desordem.

O Cortiço (1890) situa-se no contexto histórico-social do Brasil independente, no final do regime monárquico. A corrente de opinião que influencia o modo de representar a personagem é o Determinismo, de Hyppolite Taine. A personagem é rigidamente condicionada pela raça, pelo meio e pelo momento. No excerto, o jogo erótico de Jerônimo com Rita Baiana é visto como típico de galego (estrangeiro). No contexto do livro, o europeu que não se abrasileira, que não é determinado pelo meio tropical, sobrepõe-se ao personagem nato no Brasil, domina-o, explora-o economicamente, como exemplifica a trajetória do português João Romão, o capitalista selvagem.

Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava.

– Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

– Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfotadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

– Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo. Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

– Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija (...).

Eça de Queirós, **A cidade e as serras**.

- a) No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?
- b) Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão “nem façamos Arcádia”, empregada por Jacinto.

Resolução

- a) *A Cidade e as Serras* relata a história do milionário e sofisticado Jacinto, que só encontra felicidade quando se afasta da metrópole moderna, Paris, e da obsessão pelo progresso científico (o que hoje seria chamado de tecnofilia). Esse estilo de vida se revela vazio e entediante. O protagonista encontra paz de espírito e desenvolvimento pessoal na região serrana do interior de Portugal. Nesse ambiente, afastado da modernidade, além de se desapegar da paixão fútil pela busca incessante da última novidade da “suma potência” e da “suma ciência”, Jacinto retoma ideais da Antiguidade Clássica, mais especificamente os da Arcádia: a desvalorização da vida civilizada (“fugere urbem”), o engrandecimento do contato com a natureza (“locus amoenus”), o desprezo às ilusões da cidade (“inutilia trunat”). Tal processo revela uma recuperação do princípio humanista e bucólico dessa realidade greco-romana, valorizadora do homem e de sua qualidade de vida.
- b) A expressão “nem façamos Arcádia” é referência à poesia greco-romana que tem a região campestre da Arcádia como equivalente ao Paraíso, afastada das mazelas da vida urbana. A frase de Jacinto deixa claro que Tormes, localidade campestre serrana do interior de Portugal, pode estar longe dos malefícios da realidade citadina, mas não deve ser idealizada, sublimada. Prova disso é que Ana Vaqueira é uma bruta, assim como seu companheiro, típicos habitantes do campo, feitos apenas para cumprirem os aspectos mais básicos e até certo ponto vulgares da existência. Tais elementos são muito diferentes da utópica Arcádia.

Leia o texto.

(...) Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou”, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.



Elevador Lacerda. www.clickgratis.com.br.

Para responder ao que se pede, atente para as informações referentes à localização espacial dessa cena, na qual se narram a perseguição e a morte de Sem-Pernas.

- a) A cena se passa diante do conhecido Elevador Lacerda (foto acima), que vem a ser um dos mais famosos “cartões-postais” de Salvador, Bahia. Qual é o efeito de sentido introduzido na cena por essa característica da localização espacial?
- b) Observe que o Elevador Lacerda, de uso público, situa-se no desnível brusco e pronunciado que, em Salvador, separa a “Cidade Alta” (parte mais moderna da cidade, considerada seu centro econômico) da “Cidade Baixa” (sobretudo portuária e popular). Que sentido essa característica do espaço confere à cena?

Resolução

- a) O Elevador Lacerda une a parte baixa da cidade de Salvador à parte mais proeminente, chamada de “Cidade Alta”. O efeito de sentido introduzido na cena possibilita o suicídio de Sem-Pernas, que, perseguido e acuado na parte alta da cidade, interrompe a corrida junto ao grande elevador e prefere o suicídio, atirando-se no espaço, “como um “trapezista de circo”, a ser preso e humilhado pelos policiais.
- b) A diferença de espaço entre a “Cidade Alta” e a “Cidade Baixa” acarreta oposição socioeconômica. Sem-Pernas, menor abandonado, marginalizado, mora no espaço popular, a Cidade Baixa. Ao praticar um furto na Cidade Alta, a parte mais moderna e burguesa, Sem-Pernas é perseguido pelos policiais. Ainda que Sem-Pernas não fosse um delinquente, o menino pobre do trapiche sentir-se-ia deslocado no espaço social burguês.

UTOPIA (de *ou-topia*, lugar *inexistente* ou, segundo outra leitura, de *eu-topia*, lugar *feliz*)

Thomas More deu esse nome a uma espécie de romance filosófico (1516), no qual relatava as condições de vida em uma ilha imaginária denominada Utopia: nela, teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa, entre outros fatores capazes de gerar desarmonia social. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer texto semelhante, tanto anterior como posterior (como a *República* de Platão ou a *Cidade do Sol* de Campanella), mas também qualquer ideal político, social ou religioso que projete uma nova sociedade, feliz e harmônica, diversa da existente. Em sentido negativo, o termo passou também a ser usado para designar projeto de natureza irrealizável, quimera, fantasia.

Nicola Abbagnano, **Dicionário de Filosofia**. Adaptado.

A utopia nos distancia da realidade presente, ela nos torna capazes de não mais perceber essa realidade como natural, obrigatória e inescapável. Porém, mais importante ainda, a utopia nos propõe novas realidades possíveis. Ela é a expressão de todas as potencialidades de um grupo que se encontram recalçadas pela ordem vigente.

Paul Ricoeur. Adaptado.

A desaparecimento do utopia ocasiona um estado de coisas estático, em que o próprio homem se transforma em coisa. Iríamos, então, nos defrontar com o maior paradoxo imaginável: o do homem que, tendo alcançado o mais alta grau de domínio racional da existência, se vê deixado sem nenhum ideal, tornando-se um mero produto de impulsos. O homem iria perder, com o abandono das utopias, a vontade de construir a história e, também, a capacidade de compreendê-la.

Karl Mannheim. Adaptado.

Acredito que se pode viver sem utopias. Acho até que é melhor, porque as utopias são ao mesmo tempo ineficazes e perigosas. Ineficazes quando permanecem como sonhos; perigosas quando se quer realizá-las.

André Comte-Sponville. Adaptado.

CIDADE PREVISTA

(...)

*Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais ... não tenho pressa.*

*Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.*

*Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.*

*Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.*

*Mas ele será um dia
o país de todo homem.*

Carlos Drummond de Andrade

*A utopia não é apenas um gentil projeto difícil de se realizar, como quer uma definição simplista. Mas se nós tomarmos a palavra a sério, na sua verdadeira definição, que é aquela dos grandes textos fundadores, em particular a **Utopia** de Thomas More, o denominador comum das utopias é seu desejo de construir aqui e agora uma sociedade perfeita, uma cidade ideal, criada sob medida para o novo homem e a seu serviço. Um paraíso terrestre que se traduzirá por uma reconciliação geral: reconciliação dos homens com a natureza e dos homens entre si. Portanto, a utopia é a desapareição das diferenças, do conflito e do acaso: é, assim, um mundo todo fluido – o que supõe um controle total das coisas, dos seres, da natureza e da história.*

Desse modo, a utopia, quando se quer realizá-la, torna-se necessariamente totalitária, mortal e até genocida. No fundo, só a utopia pode suscitar esses horrores, porque apenas um empreendimento que tem por objetivo a perfeição absoluta, o acesso do homem a um estado superior quase divino, poderia se permitir o emprego de meios tão terríveis para alcançar seus fins. Para a utopia, trata-se de produzir a unidade pela violência, em nome de

um ideal tão superior que justifica os piores abusos e o esquecimento da moral reconhecida.

Frédéric Rouvillois. Adaptado.

O conjunto de excertos acima contém um verbete, que traz uma definição de utopia, seguido de outros cinco textos que apresentam diferentes reflexões sobre o mesmo assunto. Considerando as ideias neles contidas, além de outras informações que você julgue pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema – As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentário à proposta de Redação

Solicitou-se que o candidato elaborasse uma dissertação em prosa que respondesse à pergunta: **As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?**

Da coletânea apresentada, constavam seis textos: o primeiro, um verbete, trazia a definição de utopia, nome de um romance escrito por Thomas More; já o segundo se referia a esse termo como “a expressão de todas as potencialidades de um grupo”; o terceiro texto alertava para o risco de “desaparição” da utopia; no quarto texto, as utopias eram vistas como “inefícazes e perigosas”; no quinto, Drummond convidava a cantar um mundo aparentemente utópico, porém passível de ser alcançado. O último texto destacava a nocividade de se tentar realizar a utopia, o que implicaria o “emprego de meios... terríveis”.

Caso considerasse as utopias indispensáveis, o candidato poderia, além de contar com o próprio repertório cultural, valer-se do segundo, do terceiro e do quarto texto para sustentar seu ponto de vista. Caberia, por exemplo, enfatizar o fato de que, quanto maior a insatisfação com a realidade vigente, maior seria a necessidade de recorrer a outras realidades, nas quais prevaleceria a concretização da harmonia, da justiça e da tolerância. A renúncia às utopias corresponderia, pois, à coisificação do homem e, por conseguinte, à perda da crença em uma sociedade “feliz e harmônica”.

Optando por reconhecer como inúteis as utopias, o candidato poderia defini-las como mera fantasia,

ilusão, devendo ser restritas ao terreno do sonho, uma vez que, no âmbito da racionalidade, não haveria espaço para dedicar-se a projetos irrealizáveis. A descrença na disposição humana de empenhar-se na construção de um mundo “enfim ordenado” poderia ser usada como argumento para comprovar essa tese.

Caso tenha escolhido qualificar as utopias como nocivas, o vestibulando poderia destacar os perigos inerentes à tentativa de criar um mundo no qual houvesse “um controle total das coisas, dos seres, da natureza e da história”, o que provavelmente implicaria a existência de líderes que, detentores de poder absoluto, poderiam dar vazão a instintos tirânicos e totalitários. Outro aspecto que poderia ser observado residiria nos meios utilizados para se atingir a “perfeição”, entre os quais estariam abusos infundáveis, que transformariam o tão sonhado paraíso em um mundo marcado pelo extremismo e pela violência – recursos alegadamente justificáveis em nome de um projeto maior.

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO